26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

AMAZÔNIA EM MOVIMENTO: MEMÓRIA E MEDIAÇÃO CULTURAL NAS QUADRILHAS DA BAIXADA FLUMINENSE

AMAZON IN MOVEMENT: *MEMORY AND CULTURAL MEDIATION IN THE QUADRILHAS OF BAIXADA FLUMINENSE*

Eduardo M. B. de Santana – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Daniele Achilles – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Durval Vieira Pereira – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Fernanda Valle – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho completo

Resumo: Analisa as quadrilhas juninas enquanto práticas de mediação cultural, circulação informacional e produção coletiva de memória em contextos periféricos urbanos. O objetivo é compreender como repertórios simbólicos ligados à Amazônia são reinterpretados e reterritorializados na Baixada Fluminense, produzindo novas formas de pertencimento, memória coletiva e circulação cultural. Da perspectiva teórico-metodológica, trata-se de um estudo de caso, com corte social, abordagem qualitativa e de procedimento bibliográfico-documental, que conjuga autores do campo da memória social, cultura popular e ciência da informação. Especificamente, examina o roteiro do espetáculo, imagens da apresentação e materiais de divulgação produzidos pela quadrilha junina Araquém Forró Show, de Nilópolis/RJ, em 2025, cujo tema central articulou referências ao boi-bumbá de Parintins, às manifestações culturais amazônicas e às tradições populares do Norte e Nordeste brasileiro. Os resultados parciais indicam que as quadrilhas juninas contemporâneas operam como dispositivos de mediação da memória, permitindo a circulação e atualização de repertórios culturais entre diferentes periferias brasileiras. Conclui-se que essas manifestações atuam como práticas culturais vivas, marcadas pela reinvenção contínua da tradição e pela produção coletiva relacionando informação, memória e sociabilidade.
Palavras-chave: quadrilhas juninas; Amazônia; mediação; memória; Baixada Fluminense.

Abstract: This study analyzes the “quadrilhas juninas” as practices of cultural mediation, information circulation, and collective memory production in urban peripheral contexts. From a theoretical and methodological perspective, this is a case study with a social focus, employing a qualitative approach and bibliographic-documentary methodology, drawing on authors from the fields of social memory, popular culture, and information science.

Specifically, it examines the show's script, images from the performance, and promotional materials produced by the Araquém Forró Show June dance troupe from Nilópolis, Rio de Janeiro, in 2025, whose central theme incorporated references to the Boi-Bumbá of Parintins, Amazonian cultural expressions, and popular traditions of northern and northeastern Brazil. The objective of this study is to understand how symbolic repertoires linked to the Amazon are reinterpreted and reterritorialized in the Baixada Fluminense, producing new forms of belonging, collective memory, and cultural circulation. Preliminary results indicate that contemporary "quadrilhas juninas" function as mechanisms for mediating memory, enabling the circulation and adaptation of cultural repertoires among different Brazilian peripheries. It is concluded that these cultural expressions serve as living cultural practices, characterized by the continuous reinvention of tradition and by collective production that interweaves information, memory, and sociability.
Keywords: quadrilhas juninas; Amazon; mediation; memory; Baixada Fluminense.

1 INTRODUÇÃO

A festa junina representa um dos principais eventos culturais do Brasil, destacando-se pela variedade de manifestações criativas presentes em diferentes regiões do país. O reconhecimento patrimonial desse festejo foi iniciado com o Projeto de Lei nº 943/2019 e, posteriormente, consolidado com a aprovação da Lei nº 14.555, promulgada em 25 de abril de 2023 (Brasil, 2023). As celebrações de "São João" movimentam recursos, emprego, turismo, comemorações de rua e familiares, revelando sua importância assim como outras festas de reconhecimento internacional presentes no calendário nacional. Em 2026, o Ministério do Turismo lançou a "Destino: Festas Juninas", uma *websérie* publicada nas redes sociais e plataformas de áudio digitais, que conta a história de quem faz as festas, como os artistas, artesãos, cozinheiros, costureiros e músicos (Moraes, 2026), relacionando história, memória e cultura.

A protagonista das festas juninas é a chamada quadrilha, que se constitui como expressão cultural historicamente marcada por deslocamentos, adaptações e ressignificações. Embora frequentemente associada ao imaginário rural nordestino, tem origem no ambiente cortesão europeu, atravessando diferentes contextos sociais e territoriais ao longo do tempo, incorporando novas linguagens estéticas, performáticas e narrativas. No Brasil, foi apropriada e dotada de novos sentidos nas festas populares, apresentando outras simbologias relacionadas às experiências locais, aos territórios e às coletividades que as reinventaram ao longo do tempo. Nesse percurso, as quadrilhas juninas contemporâneas[1] deixaram de operar apenas como

[1] Neste trabalho, o termo "quadrilhas juninas contemporâneas" refere-se às transformações estéticas, performáticas e organizacionais presentes nos circuitos juninos atuais, especialmente no contexto do estado do Rio de Janeiro, onde coexistem diferentes estilos de apresentação, como as quadrilhas de roça e de salão, marcadas por distintas formas de construção coreográfica, teatralidade, figurino e espetáculo.

representação (única) de uma tradição fixa e passaram a atuar como espaços de produção de memória individual, coletiva, pertencimento e circulação cultural. Situa-se, portanto, a tradição como prática continuamente atualizada a partir das relações intersubjetivas e de força entre os atores sociais que a configuram.

Mais do que entretenimento, as quadrilhas podem ser compreendidas como práticas socioculturais que articulam corpo, performance, informação, memória e transmissão de saberes, aproximando-se de Sabbag, Rocha, Achilles e Takahashi (2023, p. 8) para quem "a festa junina como patrimônio cultural imaterial afirma a importância da produção da cultura que se dá via relações sociais, processos de estruturação e reconstrução de elementos socioculturais". No contexto da Baixada Fluminense, essas manifestações assumem características específicas relacionadas às experiências periféricas urbanas, à coletividade e à agência contínua da cultura popular efetivada pela mediação infocomunicacional. É nesta conjuntura que informação, memória e identidade se entrecruzam.

Diante desse contexto, o presente estudo orienta-se pela seguinte questão de pesquisa: como os repertórios simbólicos relacionados à Amazônia são apropriados, reinterpretados e reterritorializados pela quadrilha junina Araquém Forró Show, produzindo processos de mediação cultural, circulação informacional e construção da memória coletiva na Baixada Fluminense? A questão busca compreender, a partir da análise do roteiro, das visualidades e dos materiais de divulgação do espetáculo apresentado em 2025, de que modo referências ao boi-bumbá de Parintins e a outras manifestações culturais amazônicas são deslocadas de seus contextos de origem e ressignificadas em uma experiência cultural periférica do Sudeste brasileiro. Nossa hipótese é que esse processo não corresponde à simples reprodução de elementos culturais, mas envolve apropriação, negociação e atualização de repertórios simbólicos, por meio dos quais corpo, performance, figurino, música e teatralidade atuam como suportes de circulação da informação e da memória cultural.

O estudo toma como *corpus* empírico a quadrilha junina Araquém Forró Show, da cidade de Nilópolis, estado do Rio de Janeiro. Destarte, trata-se de um estudo de caso, de abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico-documental, que se operacionaliza pela análise hermenêutica de (meta)documentos, a saber, o roteiro de apresentação intitulado "Araquém em Vermelho e Azul: o encontro da cultura popular", de 2025, que mobilizou referências ao Ceará, Maranhão, Amazônia e ao boi-bumbá de Parintins para construir uma narrativa de travessia cultural entre diferentes territorialidades brasileiras, bem como imagens da

apresentação e materiais de divulgação produzidos pelo grupo em redes sociais e registros textuais relacionados ao espetáculo. A finalidade foi observar as representações amazônicas, os elementos performáticos, as construções estéticas ligadas ao boi-bumbá e os processos de circulação simbólica presentes na narrativa do espetáculo.

As ideias que serão apresentadas ao longo do texto dialogam com os campos da Informação e Memória ao compreenderem as quadrilhas juninas como dispositivos de mediação informacional, e, portanto, também cultural (Couzinet; Nunes; Custódio, 2022), pertencentes ao domínio (Hjørland, 2024) da cultura popular brasileira, nos quais corpo, dança, oralidade, figurino e performance operam como formas de circulação, atualização e compartilhamento da memória coletiva. Para tal, parte-se do conceito amplo de documento (Otlet, 2018) para discorrer sobre os múltiplos modos de representação - do suporte ao conceito (Buckland, 1991) - para relacioná-lo com as noções de práticas informacionais (2017), mediação (Martín-Barbero, 2009; Gomes, 2019) e regime de informação (González de Gómez, 2002). O gesto metodológico inicial assume os festejos juninos como parte do domínio da cultura popular, dotado de campo semântico, sistemas de organização do conhecimento, legislação e atores sociais, para então evidenciar o campo empírico em uma arena de luta simbólica pela decisão do sentido no horizonte da memória (Halbwachs, 2006). Outra via de compreensão é a perspectiva de ressignificação que se coloca diante da produção de memória cultural, conforme alerta Assmann (2011), afinal o passado pode ser transformado/atualizado com base na herança simbólica de um grupo, moldando sua identidade no território onde está localizado. Nesse horizonte, dialoga com a noção de mediação cultural, situada como categoria dependente de contexto e comunidades na medida em que não opera como intermediação neutra, mas intermedeia relações entre sujeitos sociais, discurso e significados (Perrotti; Pieruccini, 2014).

Apesar do reconhecimento político, a produção científica em ciência da informação (CI) no Brasil é aparentemente incipiente: ao realizar uma pesquisa bibliográfica na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), utilizando os termos “quadrilha junina”, “festa junina”, “festejo junino” e “festa de São João”, nos dias 10 e 20 de junho de 2026, foram identificados apenas quatro resultados. Esse dado indica que, embora existam algumas pesquisas relacionadas aos aspectos socioculturais das festas juninas no Brasil, ainda há uma lacuna expressiva sobre o tema na área da CI. Assim, este estudo se mostra relevante ao fomentar a discussão conceitual acerca da representação das quadrilhas juninas como recurso para a representação informacional e da memória coletiva desse fenômeno sociocultural, deslocando

a discussão mais para o campo da Ciência da Informação do que da Memória Social, contribuindo, assim, para novas reflexões a produção de pesquisas neste campo.

2 *EN ARRIÈRE*: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como o objeto é transdisciplinar, faz-se necessário retornar à base epistêmica que permite a problematização na CI: os conceitos de informação e documento em duas dimensões analíticas. A primeira diz respeito às quadrilhas juninas, que inscrevem no corpo, na indumentária e nos gestos a sua documentalidade. A segunda dimensão remete aos registros documentais que orientam a narrativa cultural e seus valores. Trata-se de um processo de retroalimentação que encontra definição em Otlet (2018), para quem o livro "[…] Abrange não apenas o livro propriamente dito, manuscrito ou impresso, mas também revistas, jornais, textos escritos e reproduções gráficas de qualquer espécie" (p. 11) e o documento é "um conjunto de fatos ou ideias apresentados em formato de texto ou imagem" ordenados segundo "uma classificação ou um plano determinado pelo objeto ou o propósito a que se propõem seus redatores" (p. 5). Assim, no recorte deste trabalho, a ação de dar a forma a algo, permitida pelo *informatio* (Capurro; Hjørland, 2007) pode ser interpretada pela via documentalista como o conteúdo conceitual contido no suporte documental, qualquer artefato fruto de técnica cultural intelectual, conforme Otlet (2018), Briet (2016), pela via da mediação na "informação como processo" ou "coisa comunicada" (Buckland, 1991), ou no entendimento de informação como um "operador de relação" (González de Gómez, 1999), abrangendo técnica, política, discurso, cultura e ética. Aqui, considera-se que, embora as quadrilhas e seus respectivos documentos possam ser interpretados enquanto evidências materiais, não revelam informações isoladas de seus contextos e historicidades, só podendo ser analisadas a partir de uma perspectiva pluriexistencial.

Nesse cenário, pode-se deduzir que a quadrilha junina funciona como um suporte informacional, perpetuando-se não só pelo que é registrado, mas também através de processos comunicativos mediados pelo corpo e artefatos. O festejo alcança muitas pessoas que interagem com informações presentes na escolha das músicas, no vestuário, na dança e em outros aspectos, identificando-se com os elementos que compõem esse contexto, em interdependência com seu espaço-tempo-linguagem. As relações estabelecidas entre esses conceitos podem ser explicitadas por meio de métodos e técnicas de organização e representação da informação e do conhecimento, favorecendo sua sistematização e comunicação. No âmbito da Organização do Conhecimento (OC), a identificação e a análise das

relações de significação presentes no domínio do ciclo da quadrilha junina podem ser desenvolvidas a partir de seus elementos representativos e simbólicos, empregando-se as abordagens da Análise de Domínio (Hjørland, 2024) e da Análise Documentária (Kobashi, 1996). Tais procedimentos analíticos possibilitam evidenciar processos de destaque e de apagamento na constituição da memória social desse domínio.

Nessa perspectiva, o conceito de informação assume papel fundamental para a discussão da quadrilha junina como recurso informacional e como objeto de organização e representação do conhecimento. Compreendida como uma representação social das regionalidades culturais brasileiras, a quadrilha junina constitui um subdomínio cujos elementos simbólicos, culturais e informacionais podem ser analisados sob a ótica da OC, contribuindo para a identificação dos processos de construção, preservação e ressignificação da memória social e do patrimônio cultural. Nessa direção, as quadrilhas juninas da Baixada Fluminense são práticas culturais construídas “de baixo para cima”, nas quais diferentes experiências periféricas se conectam através da memória, da festa e da circulação de repertórios simbólicos destacando os múltiplos atravessamentos informacionais.

Diante do exposto, compreende-se que as quadrilhas juninas transcendem sua dimensão festiva para constituírem-se como dispositivos informacionais (Couzinet; Nunes; Custódio, 2022) e espaços de produção, circulação, organização e preservação de memórias coletivas por meio de práticas informacionais (Araújo, 2017) dotadas de valor, negociações e (re)apropriações. Outrossim, nos termos de Gomes (2019), a mediação consciente propiciaria o olhar crítico para tais práticas a partir da partilha informacional dialógica entre diferentes atores para estabelecimento do protagonismo social. No caso deste trabalho, os estudos de Gomes (2019) contribuem para uma dimensão ética da memória a partir das apropriações culturais e de suas possibilidades de representação (dos deslocamentos entre territórios constituindo as próprias festividades e suas simbologias à prática documentária de representação do assunto relacionado ao domínio).

Para o campo da Memória Social, a relação entre informação e memória pode ser lida a partir das elaborações de Maurice Halbwachs e Aleida Assmann. Segundo Halbwachs (2006), as lembranças individuais reorganizam-se a partir dos quadros sociais coletivos, sendo constantemente atravessadas pelas experiências compartilhadas nos grupos sociais. Nesse sentido, a memória coletiva constitui-se como processo social dinâmico, marcado por permanências, deslocamentos e atualizações, produzindo distintas formas de pertencimento

dos indivíduos.

Já sob a perspectiva de Assmann (2011), o festejo pode ser visto como uma manifestação que evoca a memória cultural, termo cunhado por Aleida e Jan Assmann (1995), que designa que a memória pode permanecer viva através da atualização, e que depende de uma dinâmica na qual o festejo é repensado em relação com o tempo e o espaço. Dito isto, é possível supor a existência de imbricações complexas entre a informação, a história e a memória. Afinal, para Assmann (2011), a memória cultural vai além das manifestações culturais e conceitos para dar conta das metamorfoses que elas denunciam quando pensamos a respeito da compreensão da memória no contexto sociocultural. Assmann (2011) propõe a análise da memória cultural a partir de movimentos transdisciplinares e, nesse sentido, cabe destacar que este estudo foi focalizado para anunciar reflexões sobre tais imbricações utilizando como contexto base a área de Ciência da Informação, optando por deixar as teorias do campo da Memória Social em segundo plano.

As contribuições de Taylor (2013) são fundamentais para esta reflexão, especialmente ao diferenciar arquivo e repertório. Para a autora, determinados saberes e memórias são transmitidos não apenas por documentos escritos, mas também através do corpo, da oralidade, da performance e da presença. No caso das quadrilhas juninas, muitos conhecimentos circulam nas informações dos modos de dançar, de ensinar coreografias, de organizar figurinos e de construir coletivamente os espetáculos. Essa compreensão se aproxima das reflexões de Martins (2021) acerca do corpo como arquivo vivo e da noção de tempo espiralar. Segundo a autora, o passado não permanece encerrado em uma temporalidade linear, mas continua sendo atualizado no presente através das práticas culturais, dos gestos e das performances coletivas. Assim, as manifestações populares não apenas preservam memórias, mas também atualizam continuamente experiências coletivas, formas de pertencimento e transmissão cultural por meio da mediação intrínseca à totalidade social.

Conseguintemente, infere-se que informação e a memória não operam de forma homogênea ou centralizada e, por esse motivo, foi importante acessar as ideias de Michel Pollak (1989). O teórico afirma que elas são atravessadas por disputas de representação, diferenças culturais e processos de apagamento e visibilidade. Portanto, as quadrilhas juninas contemporâneas como práticas populares periféricas podem funcionar como espaços de disputas e de circulação de narrativas, experiências coletivas e reinterpretações culturais, contribuindo para a manutenção da memória cultural.

Sob a ótica da CI, é possível analisar as dinâmicas da memória em relação às estratégias de representação informacional e cultural, considerando também os processos de lembrança e esquecimento. As discussões sobre repertórios simbólicos presentes em quadrilhas juninas podem ser interpretadas à luz das perspectivas sobre o regime de informação, estrutura complexa definida por González de Gómez (2002) como:

> um modo de produção informacional dominante numa formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação e os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição (González de Gómez, 2002, p. 34).

Esses vieses anunciam uma compreensão sobre as quadrilhas juninas para além de uma noção folclorizante ou cristalizada de tradição. Levando em consideração sua historicidade e relações de poder e os movimentos, pois as quadrilhas passaram por sucessivos processos de transformação, deslocando-se das danças de corte europeias para diferentes contextos populares brasileiros (Cascudo, 2002), especialmente através das festas juninas. Tal processo enuncia, mais uma vez, que a tradição não se conserva de forma imóvel, mas se atualiza continuamente nos corpos, nas práticas e nas experiências e vivências coletivas. O que em determinado período poderia ser compreendido como tradição legítima ou prática social comum, em outros contextos passa a ser reinterpretado, tensionado ou atualizado coletivamente (Hall, 2006).

Nessa direção, as quadrilhas também denotam formas de retomada das experiências coletivas da rua, portando-se enquanto espaço de sociabilidade, circulação cultural e aprendizagem cotidiana (Certeau, 2014). Em contextos periféricos brasileiros, a rua historicamente constituiu-se como espaço de encontro, convivência e produção cultural compartilhada produz aberturas a essas ressignificações. Em paralelo, novas dinâmicas urbanas embricadas a tecnologias reorganizaram essas formas de ocupação coletiva, tornando assim as manifestações populares espaços de produção experiências de pertencimento e contato social através da dança, da festa e da performance coletiva.

Desse modo, as periferias não se apresentam apenas como espaços de ausência ou precariedade, mas também como territórios capazes de produzir resistências, sociabilidades, memórias e reinvenções culturais. Como sugere Krenak (2020), ainda existem coletividades “agarradas na Terra”, preservando outras formas de convivência e relação com o mundo. Entretanto, as transformações urbanas contemporâneas, marcadas pela privatização dos espaços públicos e pelo empobrecimento da experiência urbana coletiva, contribuíram para o

afastamento dos corpos das experiências sensíveis da cidade (Britto; Jacques, 2009). Diante disso, é possível afirmar que as quadrilhas juninas contemporâneas podem ser compreendidas como práticas coletivas de reocupação simbólica da cidade, nas quais corpo, performance e memória operam ainda mais como formas de resistência cultural e produção de pertencimento identitário.

No roteiro da Araquém Forró Show, *corpus* analisado, a Amazônia foi apresentada não como território distante ou representação exótica, mas como espaço vivo de ancestralidade, cultura popular e circulação de saberes. Ao afirmar a existência de uma "Amazônia Humana", o espetáculo tensionou imaginários coloniais historicamente associados à região, como "inferno verde", "vazio demográfico" e "novo Éden" com a intenção de marcar as disputas simbólicas em torno da representação da memória e da cultura amazônica. Ao tematizar o boi-bumbá de Parintins, o encontro entre Caprichoso e Garantido e os repertórios culturais do Norte brasileiro em um contexto urbano periférico da Baixada Fluminense, a quadrilha mostrou processos de circulação cultural e reterritorialização simbólica entre diferentes periferias brasileiras. A Amazônia, nesse contexto, deixa de aparecer apenas como território geográfico fixo e passa a operar como repertório cultural em circulação através das informações e representações que constituem o corpo, a performance e as experiências coletivas.

Segundo Achilles, Sabbag e Rocha (2025), a reterritorialização da festa junina e, por conseguinte, das quadrilhas juninas, está inserida em dinâmicas relacionadas às estruturas de poder (González de Gómez, 2002). Essa movimentação resulta em diferentes estratégias de preservação e resistência, contribuindo para evitar certos silenciamentos impostos pelas esferas de poder por meio da manutenção de fragmentos socioculturais específicos. Essa perspectiva de análise tem ressonância e dialoga com a leitura proposta por Carvalho (2023) acerca da centralidade da periferia no pensamento de Milton Santos. Ao pensar as periferias urbanas como espaços produtores de sociabilidades, adaptações culturais e circulação de saberes, o trabalho aproxima-se das reflexões de Santos (2000), especialmente sobre a potência criativa e social dos territórios periféricos. Para o autor, "[...] por baixo há maior dinamismo intrínseco, maior movimento espontâneo, mais encontros gratuitos, maior complexidade, mais riqueza" (Santos, 2000, p. 147), evidenciando que os territórios periféricos não podem ser compreendidos apenas a partir da lógica da carência ou do atraso, mas também como espaços capazes de produzir novas formas de existência e resistência coletiva, com base na articulação social e reinvenção cultural.

Sob a perspectiva da Ciência da Informação e da Memória Social, essas manifestações denotam processos complexos de representação simbólica, nos quais informações, repertórios culturais e práticas performáticas articulam-se na construção de identidades, pertencimentos e resistências e, por conseguinte, de memória cultural. A análise do *corpus* demonstra que as narrativas produzidas pelas quadrilhas, especialmente em contextos periféricos, tensionam discursos hegemônicos e promovem a reterritorialização de saberes, conferindo visibilidade a experiências historicamente marginalizadas.

3 *AVANCER*: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados parciais, construídos a partir da leitura interpretativa do roteiro do espetáculo, das visualidades da apresentação e dos materiais de divulgação produzidos pela Araquém Forró Show, indicam que as quadrilhas juninas contemporâneas operam como importantes espaços de mediação cultural e circulação de memória coletiva. Observou-se que o tema de 2025 constrói uma narrativa marcada pela travessia entre diferentes territórios culturais brasileiros, articulando elementos do Ceará, Maranhão, Amazônia e Parintins em diálogo com a experiência periférica da Baixada Fluminense. Sob a perspectiva das mediações culturais proposta por Martín-Barbero (2009), essas articulações revelam processos de apropriação e ressignificação nos quais diferentes repertórios simbólicos circulam entre territórios e grupos sociais, produzindo novas formas de pertencimento e construção identitária.

A presença do boi-bumbá amazônico no contexto urbano fluminense evidencia que determinadas manifestações culturais não permanecem restritas aos seus territórios de origem, mas circulam através das redes culturais populares, sendo reinterpretadas em diferentes contextos sociais. Nesse processo, a Amazônia aparece não apenas como representação distante, mas como repertório simbólico compartilhado e constantemente atualizado.

Observa-se também que essas práticas tensionam noções fixas de autenticidade cultural. Ao contrário de uma lógica que pressupõe a existência de uma única forma legítima de quadrilha junina, as manifestações contemporâneas evidenciam que a tradição se constitui justamente por meio da reinvenção, da diferença e da atualização constante dos repertórios culturais (Hall, 2006).

Figura 1 - A rainha da quadrilha (2025)



Fonte: acervo Araquém Forró Show (2025).

As visualidades construídas pela Araquém Forró Show reforçam esse processo de reterritorialização simbólica, especialmente através das referências ao boi-bumbá de Parintins, às cores vermelho e azul, às representações indígenas, às figuras ritualísticas e às narrativas amazônicas incorporadas à performance quadrilheira. Corpo, figurino, música e teatralidade operam, assim, como suportes de circulação da memória cultural.

Sob a perspectiva da análise de domínio (Hjørland, 2024), a narrativa apresentada pela Araquém Forró Show indica um domínio cultural constituído por múltiplas relações de significação, no qual conceitos, símbolos e repertórios oriundos de diferentes contextos regionais são reorganizados e reinterpretados coletivamente, produzindo novas formas de representação do conhecimento e da memória social a partir da mediação cultural.

No contexto das mediações, as quadrilhas constituem espaços de negociação, apropriação e ressignificação de repertórios culturais, nos quais diferentes matrizes simbólicas são colocadas em diálogo e reinterpretadas a partir das experiências dos sujeitos e dos territórios em que se inserem. Complementarmente, a análise de domínio possibilita compreender esses repertórios como parte de um universo conceitual compartilhado, cujos elementos informacionais, simbólicos e culturais se organizam em redes de significação que expressam as formas de produção e circulação do conhecimento em um determinado contexto social. Essa aproximação teórica permite compreender as quadrilhas juninas não apenas como manifestações culturais, mas também como dispositivos informacionais que organizam,

representam e difundem conhecimentos, contribuindo para a produção, atualização e preservação da memória social por meio de práticas coletivas e performáticas.

Figura 2 - Referências ao boi-bumbá de Parintins e à circulação de repertórios amazônicos na apresentação da Araquém Forró Show (2025)



Fonte: acervo Araquém Forró Show (2025).

Além disso, as quadrilhas funcionam como espaços de sociabilidade, acolhimento e construção de pertencimento coletivo, especialmente em territórios periféricos. O corpo que dança não apenas representa uma cultura, mas também produz memória, identidade e formas de existência coletiva. Essa compreensão encontra respaldo na concepção de repertório formulada por Taylor (2013), segundo a qual conhecimentos e memórias são transmitidos por meio da corporalidade, da oralidade e da performance, constituindo formas legítimas de preservação e circulação cultural para além dos registros documentais. Em diálogo com essa perspectiva, Martins (2021) compreende o corpo como um “arquivo vivo”, no qual as experiências ancestrais e coletivas são continuamente atualizadas por meio dos gestos, das práticas performáticas e das expressões culturais. Sob essa ótica, a performance da quadrilha junina configura-se como um processo de produção e compartilhamento de informações, no qual repertórios simbólicos são apropriados, ressignificados e transmitidos entre gerações.

Essa dimensão coletiva também pode ser compreendida a partir da teoria da memória coletiva de Halbwachs (2006), para quem a memória é construída socialmente a partir das relações estabelecidas entre os indivíduos e os grupos dos quais participam. As quadrilhas, portanto, constituem quadros sociais de memória que fortalecem vínculos de pertencimento e identidade por meio da experiência compartilhada da festa, da dança e da organização comunitária, contribuindo também para a produção de memória cultural, conforme indica

Assmann (2011). Ao mesmo tempo, como observa Certeau (2014), as práticas cotidianas desenvolvidas nos espaços urbanos produzem formas de apropriação e reinvenção do território, fazendo da rua e dos espaços coletivos lugares de encontro, criação e resistência cultural. Nesse sentido, as quadrilhas juninas transformam os territórios periféricos em espaços de produção de sociabilidades e de circulação de saberes, reafirmando o potencial criativo e organizativo das periferias destacado por Santos (2000), para quem esses territórios concentram intensas redes de solidariedade, inovação social e produção cultural.

Sob a perspectiva da CI, tais processos evidenciam que a produção e a circulação da informação (Buckland, 1991; Capurro; Hjørland, 2007) não se restringem aos sistemas formais de registro, mas se materializam também em práticas culturais e performáticas que organizam, preservam e transmitem conhecimentos socialmente compartilhados. Assim, o corpo que dança atua como suporte informacional e dispositivo de memória, produzindo significados, fortalecendo identidades coletivas e assegurando a continuidade de repertórios culturais que constituem o patrimônio imaterial das comunidades.

4 ARRAIÁ: CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

O estudo buscou refletir sobre as quadrilhas juninas contemporâneas como práticas de mediação cultural e produção coletiva de memória em contextos periféricos urbanos. A partir da análise do roteiro de apresentação do tema de 2025 da Araquém Forró Show, foi possível observar como repertórios simbólicos amazônicos circulam e são reterritorializados em manifestações culturais da Baixada Fluminense.

Conclui-se que as quadrilhas juninas operam como espaços vivos de transmissão de saberes, atualização da memória e partilha cultural, ultrapassando compreensões fixas sobre tradição e autenticidade regional. Ao mobilizar referências amazônicas em um contexto periférico do Sudeste, essas manifestações evidenciam a potência das periferias brasileiras como produtoras de memória, cultura e pertencimento coletivo.

Em diálogo entre os campos da Informação e da Memória, o trabalho permite compreender as quadrilhas juninas como práticas culturais vivas, atravessadas por redes de circulação informacional, experiências compartilhadas e processos contínuos de reinvenção cultural. As quadrilhas juninas contemporâneas também operam como dispositivos de circulação informacional, nos quais saberes culturais, memórias coletivas e experiências sociais são constantemente reinterpretados e atualizados através da performance e das práticas culturais populares.

Considera-se que a compreensão das quadrilhas juninas como domínios informacionais e patrimônios culturais amplia as possibilidades de investigação no campo da Ciência da Informação, especialmente no que se refere aos processos de organização, representação e preservação de saberes oriundos da cultura popular. Nesse sentido, a aplicação de abordagens como a Análise de Domínio e a Análise Documentária podem contribuir para identificar as relações de significação que estruturam esse universo cultural, bem como os processos de destaque e apagamento que permeiam a memória social. Assim, reconhecer a quadrilha junina como domínio informacional e patrimônio cultural implica compreender seu papel como arquivo vivo e repertório dinâmico, capaz de atualizar continuamente conhecimentos, valores e experiências coletivas, reafirmando sua relevância para os estudos voltados para a preservação da diversidade cultural brasileira.

Por fim, ao reconhecer essas manifestações como espaços de produção de informação e de construção da memória social, evidencia-se a necessidade de desenvolver estudos teórico-metodológicos capazes de representar a complexidade de seus repertórios simbólicos, suas dinâmicas de circulação e seus processos de ressignificação. Desse modo, o estudo contribui para o fortalecimento de uma perspectiva que valoriza as práticas culturais periféricas como produtoras de conhecimento, reafirmando seu papel na constituição do patrimônio cultural brasileiro e na promoção da diversidade informacional e das múltiplas narrativas que compõem a memória coletiva.

REFERÊNCIAS

ACHILLES, Daniele; SABBAG, Deise Maria Antônio; ROCHA, Ednéia Silva Santos. Festa junina: patrimônio cultural imaterial, memória e silenciamento. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 18, n. 3, 2025. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/59193. Acesso em: 29 maio 2026.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são "práticas informacionais"? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. especial, p. 217-236, 2017. DOI: 10.36517/ip.v2iespecial.20655. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655. Acesso em: 20 jun. 2026.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Collective memory and cultural identity. **New German Critique**, [*s. l.*], n. 65, p. 125-133, 1995. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/488538. Acesso em: 9 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 14.555, de 25 de abril de 2023. Reconhece as festas juninas como manifestação da cultura nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 26 abr. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14555.htm. Acesso em: 29 maio 2026.

BRIET, Suzanne. **O que é documentação?** Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2016.
BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal**: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 337-350, maio/ago. 2009. Disponível em: https://periodicos.uff.br/fractal/article/download/4751/4566/18960. Acesso em: 28 out. 2026.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [*s. l.*], v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5%3C351::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-3. Acesso em: 29 maio 2026.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360. Acesso em: 29 maio 2026.

CARVALHO, Maurício Costa de. Centralidade da periferia no pensamento político de Milton Santos (1964-1977). **SciELO Preprints**, 2023. DOI: 10.1590/scielopreprints.6938. Disponível em: https://doi.org/10.1590/scielopreprints.6938. Acesso em: 22 maio 2026.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COUZINET, Viviane; NUNES, Martha Suzana Cabral; CUSTÓDIO, Kátia Maria Coelho de Carvalho. Os dispositivos: questões documentais. **ConCI**: Convergências em Ciência da Informação, Aracaju, v. 5, p. 1-20, 2022. DOI: 10.33467/conci.v5i.18041. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/18041. Acesso em: 20 jun. 2026.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion**: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, 2019. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644. Acesso em: 20 jun. 2026.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-35, 1999. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/41753. Acesso em: 20 jun. 2026.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002. DOI: 10.1590/S0100-19652002000100004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0100-19652002000100004. Acesso em: 29 maio 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HJØRLAND, Birger. Análise de domínio. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, e-140568, 2024. DOI: 10.1590/1808-5245.30.140568. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/140568. Acesso em: 29 maio 2026.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e representação da informação. **Informare**: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/40976. Acesso em: 29 maio 2026.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, Natália. Em ação inédita, Ministério do Turismo conta histórias de quem faz das festas juninas um dos maiores atrativos turísticos do país. **Ministério do Turismo**, Brasília, DF, 17 jun. 2026. Notícias. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/em-acao-inedita-ministerio-do-turismo-conta-historias-de-quem-faz-das-festas-juninas-um-dos-maiores-atrativos-turisticos-do-pais. Acesso em: 20 jun. 2026.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro – teoria e prática. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2018.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 1-22, maio/ago. 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p01. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992. Acesso em: 28 out. 2026.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278. Acesso em: 28 out. 2026.

SABBAG, Deise Maria Antônio; ROCHA, Ednéia Silva Santos; ACHILLES, Daniele; TAKAHASHI, Silvia Terzi. Caleidoscópio do Sistema de Organização do Conhecimento: a manifestação cultural Festa Junina. *In*: CONGRESSO ISKO IBÉRICO, [*s. n.*], 2023, Madri. **Anais** [...]. Madri: ISKO Ibérico, 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas.

Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

As autorias declaram o uso do site DeepL para a tradução do resumo e das palavras-chave para a língua inglesa.